

# OS SENTIDOS E AS SENSações NA POESIA HETERONÍMICA DE ALBERTO CAEIRO

---

Fábio André Cardoso Coelho<sup>1</sup>

## RESUMO

O surgimento do heterônimo Alberto Caeiro se dá quando Fernando Pessoa se encontra na desistência da tentativa de conceituação do existir e do sentir. Diante dessa postura do poeta, eis que apresentamos algumas análises das sensações e dos sentidos de Caeiro e tentativas de reflexões sobre suas contribuições para a poesia portuguesa do século XX. Valemo-nos da proximidade do heterônimo aos poetas-filosóficos-metafísicos e da busca pela essência abstrata. Consideramos a marca filosófica caracterizada pelo alicerçamento direto com as coisas da natureza e balizamos nosso estudo em Gil (2000), Perrone-Moisés (1990), entre outros teóricos valorosos. Observamos que, por acreditar que o homem tenha complicado a vida com seus pensamentos e teorias, Alberto Caeiro defende, em suas poesias, a simplicidade do mundo e a sensação como instrumento valioso para a apreensão do conhecimento, da sabedoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** sentidos; sensações; Alberto Caeiro

## ABSTRACT

The appearance of the *nom de plume* Alberto Caeiro happens when Fernando Pessoa finds himself in the desistance from the attempt at a conception of being and of feeling. Faced with the poet's posture, we here by present some analyses of Caeiro's senses and sensations and some attempts at reflexions on his contribution to the Portuguese poetry of the 20<sup>th</sup> century. We take advantage of the closeness of the *nom de plume* to the philosophical-metaphysical-poets and of the search for the abstract essence. We consider the philosophical brand characterized by the direct foundation with the elements of nature and we have based our study on Gil (2000), Perrone-Moisés (1990), among other worthy theoreticians. We have observed that, for having believed that man has made life complicated with his thoughts and theories, Alberto Caeiro defends, in his poetry, the simplicity of the world and sensation as a valuable tool for the mastery of knowledge, of wisdom.

**KEY-WORDS:** senses, sensations, Alberto Caeiro.

---

<sup>1</sup> Professor de Didática e Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutorando em Língua Portuguesa (UERJ). Mestre em Literatura Portuguesa (UERJ).

O processo criativo de Alberto Caeiro, traçado pela sua espontaneidade, revela a completa naturalidade buscada pelo heterônimo. De um estado de alma inquieta, inconstante e ambiciosa, Pessoa revela-nos um poeta com uma sabedoria invejável. Os três heterônimos principais (Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro) apresentam discursos convincentes, marcando as suas existências. Por muitas vezes, as opiniões dos heterônimos são reveladas de modo a se chocarem com as impressões do próprio Fernando Pessoa, o criador. Pessoa imprime, através da heteronímia, as várias identidades literárias, uma mistura de serem todos e ao mesmo tempo não ser nenhum, um estado híbrido de poetização. Ao espaço da lírica, conferimos a elaboração e a lapidação das identidades, numa necessária imersão na alteridade, no que diz respeito aos discursos poéticos. As singularidades ideológica e estética percebidas nos poemas potencializam-se em revelações do mundo real/irreal dos universos pessoanos. (MARTIN, 2007)

Em Caeiro, de forma singular, temos as sensações e os sentidos, numa tentativa de comprovação de sua mestria. Massaud Moisés aponta-o como símbolo da pastoralidade das ideias/pensamentos entendidos como sensações, “filho indisciplinado da sensação” (1989, p.30), pela visão de Ricardo Reis, insere em sua proposta poética um bucolismo irreverente, distante dos já mencionados pela história literária e mesmo delineado por uma naturalidade artificial. É ele quem se considera “pastor das sensações” (MOISÉS, 1989). Nesse trilhar, percebemos em toda a sua obra o predomínio da visão, ou seja, o seu ideal, pois vendo não pensa, as coisas são naturais, sem a intervenção do pensamento. Vejamos:

O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar  
Saber ver quando se vê,  
E nem pensar quando se vê  
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!)  
Isso exige um estudo profundo.  
Uma aprendizagem de desaprender. (PESSOA, 1989, p. 106)

Como José Gil afirma Caeiro “é o único ser humano capaz de ver naturalmente, sem esforço” (2000, p. 17). Todos os outros precisam aprender a ver. No

tocante à infância, José Gil ainda pontua que “a visão infantil do mundo aparece como modelo do olhar de Caeiro” (2000, p. 17). Isso demonstra a íntima relação estabelecida do “ver” em Caeiro com o “ver” de uma criança. A pureza e a simplicidade natural são valorizadas como marcas originais do olhar-Caeiro. A nudez das coisas e o despojamento das suas significações caracterizam essa visão angular do heterônimo.

Leyla Perrone-Moisés diz: “Ver, realmente, o particular concreto, é uma experiência sempre inaugural, um conhecimento e não um reconhecimento” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 125). Dessa forma, a visão das coisas não pode ser igual, cada um em cada momento “inaugura” uma contemplação. Nunca se é do jeito que já se foi e, Fernando Pessoa, em “O Sino da minha Aldeia” diz: “já a primeira pancada/tem o som de repetida” (PESSOA, 1989, p. 68).

Caeiro é o ser que sente, expressando na simplicidade de sua poesia a profunda conceitualização do que somos:

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,  
Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
Porque quem ama nunca sabe o que ama  
Nem sabe por que ama, nem o que é amar (...) (PESSOA, 1989, p. 89).

Nesse momento, o heterônimo de Fernando Pessoa expõe sua concepção de vida, de poesia, através de sua sensorialidade. Há, nas palavras do poeta, uma própria concepção do processo de individuação, fazendo-nos atentar para questões imbricadas na essência humanística. Assim, o que se sabe das coisas da vida e de suas significações estão no plano da singularidade, do isolamento e da diferença. Gil lança alguns pressupostos acerca do tema:

No plano da ontologia, o ser ou a existência não é uma determinação ou um atributo, mas o que faz uma coisa ser o que ela é, ou seja, o que torna todas as coisas diferentes umas das outras. Ora, para Caeiro a existência é a existência natural; se deixarmos a vida ser, sem a aprisionar em significações, percebemos que ela não necessita de qualquer determinação para se afirmar. Deixar a vida ou a existência afirmar-se, é deixá-la diferenciar-se, singularizar-se. É isso que visa o olhar de Caeiro (GIL, 2000, p. 27).

Percebemos também um paradoxo nas suposições que Caeiro faz em outro trecho da sua obra. Consiste, em tese, na demonstração de que afirmar e negar são práticas dissolúveis e que se misturam, se confundem nas tomadas de decisões do homem. Inegavelmente, essas atitudes estão relacionadas às expectativas do ser diante do mundo e revela a necessidade de estarmos, assim como o poeta, na produção de discursos que reiteram a negação, quando se quer expressar a afirmação, ou vice-versa. Os versos que seguem, além de expressarem esse paradoxo, comprovam-nos os sentidos: tocar, olhar, além da própria expressão máxima do sentir:

Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os guardasse.  
Minha alma é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das Estações  
A seguir e a olhar. (PESSOA, 1989, p. 87)

Na tentativa de captar a sua “realidade”, Pessoa concebe o universo como um conjunto de sensações fechadas em si próprias, “verdadeiras”, fonte de verdade e de felicidade para aquele que vive na sua órbita, feliz e extasiado como um anjo no Paraíso (LOURENÇO, 1999, p. 72). Dessa forma, o poeta-criador imagina Alberto Caeiro, protetor de um ser com menos consciência da realidade. Em outra parte de “O guardador de rebanhos”, Alberto Caeiro afirma que seu rebanho são seus pensamentos e esses “são todos sensações”, apenas no aspecto do sentir. Também nega o racionalismo e privilegia o sensacionalismo. A realidade é o mundo sensível que está a sua volta; a verdade é o conhecimento absorvido do contato com as coisas do mundo:

Sou um guardador de rebanhos,  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.  
Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,

E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes.

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz (PESSOA, 1989, p. 99).

Ressaltamos que a felicidade para Caeiro tem por base a relação simples e harmônica entre o eu-lírico, a natureza e o universo, apresentando-nos um objetivismo absoluto e um paganismo que o leva a uma posição privilegiada de discípulo. Revela-nos um aprendiz da simplicidade. Ainda com relação ao seu paganismo, temos a visão intelectual da verdade, ao reconhecer que o cristianismo provoca o impedimento da racionalidade do homem.

Em suas poesias, Caeiro nos apresenta uma linguagem simples, um vocabulário bucólico e afasta-se da poesia simbolista, uma vez que rejeita a sugestão, mas, concomitantemente, aproxima-se ao praticar o realismo sensorial. Da oposição da metafísica ao desejo de não pensar resulta a essência dos seus pensamentos. Nesse instante, a atitude zen-budista de pensar para não pensar, desejar para não desejar, nos é apresentada na obra de Caeiro:

(...) Metafísica? Que metafísica tem aquelas árvores?  
A de serem verdes e copadas e de terem ramos  
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,  
A nós, que não sabemos dar por elas.  
Mas que melhor metafísica que a delas,  
Que é a de não saber para que vivem  
Nem saber que o não sabem? (...) (PESSOA, 1989, p. 92)

Na sequência coesiva, acrescenta Leyla Perrone-Moisés:

A experiência Zen, como a do mestre Caeiro, não exige circunstâncias especiais: é apenas um modo de viver o real cotidiano sem complicá-lo com ideias; simplicidade que, na verdade, exige uma intensa aprendizagem. (...) Os ensinamentos de Caeiro, como os do mestre Zen, consistem em trazer o homem (em trazer-se) de volta ao cotidiano mais elementar: um outeiro, uma janela, uma “cadeira predileta”, “a chuva quando a chuva é precisa”, o vento, a tempestade às vezes, as árvores que dão fruto na sua hora, o rio que corre sempre igual, as estações que se revezam (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 119).

Aqui, fica-nos exposta a relação da filosofia Zen com o pensamento do heterônimo Alberto Caeiro, por meio da exposição da vida de uma maneira simples, mas carregada de aprendizagem, sendo encarada como grande ensinadora de si própria. Com esse postulado, há a inserção do homem numa realidade elementar, a fim do encontro de si mesmo e da certificação da visão humana com a visão simples das coisas. Essa é a proposta de Caeiro e também a proposta do mestre Zen.

À guisa desse pensamento, ver é mais que pensar, pois compreende na sua totalidade o objeto: “O espelho reflete certo; não erra porque não pensa/ Pensar é essencialmente errar/Errar é essencialmente estar cego e surdo” (PESSOA, 1989, p. 100). Os ensinamentos de Caeiro servem-nos como ensinamentos para as fugas existenciais, comportamentos sociais, de forma a não serem compreendidos como profecias ou manual de boas maneiras para a mudança da humanidade. Se o objetivo do Zen é levar a mente humana à prática artística da naturalidade existencial, a simplicidade de Caeiro corrobora e se integra aos preceitos dessa filosofia. Nas palavras de José Gil, encontramos alguma definição:

(...) a visão de Caeiro supõe: a. uma relação imediata de um ver que “não teria com as coisas qualquer outra relação além de vê-las, simplesmente”; b. uma realidade não empírica da coisa que se descobre assim em sua nudez primeira, realidade que poderia ser definida como “virtual” e que Pessoa chama, noutros textos, “abstrata”. (GIL, 2000, p. 31)

Da experiência central do Zen resulta o que temos como *satori*. Na literatura, compreendemos como desvendamento dos enigmas que perpassam as mensagens poéticas, uma espécie de iluminação compreendida após a busca pelos sentidos literários. A cada experiência poética, temos o *satori*, na tentativa de atribuição de mais sentido à existência humana, às revelações misteriosas, à constatação de que o mundo é ele mesmo, real e singular. O *continuum* da experiência *satori* possibilita ao sujeito a sabedoria e a mestria, levando aos princípios da vida Zen: desapego, despreensão, simplicidade, solidão (PERRONE-MOISÉS, 2000). Vejamos o que a autora entende sobre o *satori*:

Praticamente, ele significa a descoberta de um mundo novo, despercebido até então na confusão de um espírito formado no dualismo. Poderíamos dizer ainda que com o *satori*, tudo o que nos cerca é visto sob um ângulo

de percepção totalmente inesperado. De qualquer forma, para aqueles que adquiriram um *satori*, o mundo não é mais o que era antes; ele pode olhar seus rios que correm e suas chamas ardentes, nunca mais ele volta a ser o mesmo. Em termos de lógica, todas as suas oposições e contradições se unem e se harmonizam num todo orgânico e coerente (PERRONE-MOISÉS, 1989, p. 131).

Nesse momento, a ideia da poesia inusitada e o conceito de descoberta se fundem. Tudo o que é visto não pode se considerar revisto, pois a unicidade e a momentaneidade da visão reforçam a condução desse sentido. É o olhar o mundo com os olhos de uma realidade expectante e inovadora. No *satori*, o que se revela é o universo na sua integridade e formação, o próprio mundo apresentado na sua originalidade. A intuição também é uma marca do *satori*, ao se desprender de qualquer análise sobre as coisas do mundo. Entendamos que a pretensão, após a experiência do *satori*, é fazer com que o ser conquiste os ideais da vida Zen.

Em tese, Caeiro se posiciona como inimigo do misticismo que cria mistério para a observação das coisas. Mais uma vez o que prevalece para o heterônimo nesse posicionamento é ver as coisas como elas são, sem haver qualquer reflexão sobre elas e com o desprendimento de qualquer significação ou sentimentalismo. A proposta do poeta é um caminho literário que resulte de uma confluência filosófica existencial e estética. É o próprio esvaziar-nos e nos permitir enxergar o mundo tal como ele é, ou seja, numa perspectiva realista do universo.

Apresentamos, assim, a filosofia Caeiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTIN, Vima Lia. **Sentimento e ideologia na palavra poética de Fernando Pessoa e António jacinto**. In: BUENO, Aparecida de Fátima (et al). *Literatura Portuguesa: história, Memória e perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MOISÉS, Massaud. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

## Os Sentidos e as Sensações na Poesia Heteronímica de Alberto Caeiro

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa – Aquém do eu, além do outro**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GIL, José. **Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Recebido: 25/05/2012

Aceito: 11/07/2012